

# ADONIRAN BARBOSA: UMA EXPLOSÃO DE CRIATIVIDADE

Danielle Guglieri Lima<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho está centrado no estudo acerca da manifestação da criatividade e busca elencar conceitos que dizem respeito à aquisição, motivação e manifestação desta, tendo como base teórica as teorias da psicologia e pedagogia que tratam do referido tema, as quais serão utilizadas para embasar a análise de duas músicas do compositor semianalfabeto João Rubinato; mais conhecido como Adoniran Barbosa. O objetivo aqui é muito pontual, mas não irrelevante, uma vez que se pretende verificar como tal compositor utiliza a criatividade nas músicas “As Mariposas” e “Tiro ao Álvaro”, produzidas por ele em 1955 e em 1960, respectivamente, de forma a entender a relação criatividade e escola, averiguando se esta depende daquela e de que forma isso acontece.

## PALAVRAS-CHAVE

Criatividade; Música; Pensamento e Palavra.

## ABSTRACT

*This paper focuses on the study about the manifestation of the creativity and has the goal in listing the concepts about its acquirement, motivation and manifestation, with theoretical backgrounds in Psychology and Pedagogy and in Discourse Analysis, that discuss the topic and will be used to give support to the analysis of two João Rubinato's (more common-*

---

1 Graduada (FAPA-RS) e Mestre em Letras (PUC-SP); MBA em Marketing (FGV); Doutoranda bolsista CAPES no programa de Língua Portuguesa – PUC/SP, professora de Comunicação Empresarial (ESAGS) e Marketing (FAAT); consultora e palestrante, autora de 3 livros: Regionalismo e Oralidade em João Simões Lopes Neto (2007, Tchê); Bases da Comunicação Empresarial. Da linguística à Gramática (2009, Tchê) e Escrever textos científicos não é um bicho-de-sete-cabeças (2012, Ciência Moderna).

*ly known as Adoniran Barbosa and who was almost illiterate) songs. The purpose, here, is very punctual, but not unimportant, since the claim is to confirm how this song writer dealt with creativity in composing the songs “As mariposas” and “Tiro ao Álvaro” that were composed in 1955 and 1960, respectively. The main target is to understand the relation between creativity and education, verifying whether one depends from the other and how this occurs by performing a textual analysis.*

### **KEY WORDS**

*Creativity; Music; Thinking and Word.*

---

## **INTRODUÇÃO**

Wechsler (1993) explica que muitos são os estudos que se preocupam com a criatividade e atenta para o fato de que alguns pensamentos levam as pessoas ao processo criativo e, como abordagem teórica do tema, defende (id, p.01) que “a criatividade como produto prioriza a originalidade deste para o indivíduo ou a sua relevância para o meio social”.

Embora os especialistas tenham estudado o que faz com que alguém seja criativo, e talvez nunca cheguem a um consenso, o que pode ser evidenciado é que a criatividade de alguém não existe se este não tiver pelo menos um pensamento criativo, o qual será traduzido em comunicação verbal ou não. Aqui interessam apenas as expressões criativas verbais, sejam elas orais ou escritas.

É sabido que toda palavra tem corpo e tem alma, e, segundo Ostrower (1994, p.20), é por meio das palavras que associações são realizadas, as quais “levam para o mundo da fantasia” e “geram um mundo experimental, de um pensar e agir em hipóteses – do que seria possível, se nem sempre provável”.

Se alguns ainda não haviam se atentado a isso, é muito bom que abram os olhos, os ouvidos e a mente, pois, segundo estudos

sobre linguística textual, postulados por Fávero (2002), quando algum interlocutor quer ou precisa se comunicar, ou melhor, quer representar o mundo da sua forma, este já tem em sua cabeça um planejamento, ainda que pouco estruturado, sobre o que pretende dizer ou escrever, e o que mais lhe importa é a forma como pretenderá realizar isso.

Obviamente que se essa forma for diferenciada da que o senso comum entende como normal, aceitável ou válida, pode ser mal entendida, considerada indevida ou sem fundamento, ou seja, na maioria das vezes, tudo o que foge do que é previsto, antes de ser considerado criativo é, por vezes, considerado sem qualidade, sem propósito ou qualquer outro adjetivo do tipo.

Quando alguém diz que o outro está rabugento, lindo, inteligente, romântico ou observador é porque realmente ele está; tal comentário reflete algo que é claro aos outros, ainda que seja um desabafo em um momento de descontração, pois tudo o que é comunicado é inconsciente, parte, pois, das expectativas, das observações e sentimentos, e isso acontece porque “o homem usa palavras para representar as coisas” (OSTROWER, 1994, p.22).

É muito comum em nossa sociedade ouvir as pessoas dizerem isto ou aquilo sobre outras, isso acontece o tempo todo. Quando alguém quer falar, opinar, solicitar e desabafar, dentre outras possibilidades de interação, este locutor apenas executa o que, no seu cérebro, já está muitíssimo claro, no entanto, pode pecar pela intensidade de como diz algo a outrem, pois as línguas consistem em algo que depende da coletividade, e todo o aprendizado é cultural, por isso reflete nossa essência.

Difícil é manter uma postura linguística que não seja a postura a qual estamos acostumados, ou mesmo treinados; no entanto, uma vez que quanto mais os interlocutores se aproximam uns dos outros, mais distensas ficam as relações humanas e menor é o cuidado com as escolhas que qualquer falante tende a fazer.

As pessoas somente escolhem palavras que lhes fazem sentido, na medida em que as consideram verdadeiras, ainda que não tenham consciência disso. Mediante este fato, parece claro pensar que quanto mais próxima do outro e mais longe de sentir medo da repreensão, do erro ou de ser taxada de boba ou inconveniente, mais aumentam as chances de uma pessoa ser mais criativa.

Sempre que se ouvem palavras que, julgadas bonitas, soam com naturalidade e tocam o coração, sabe-se que estas saíram do pensamento, ou em uma perspectiva literária, do coração de alguém, ou, muito mais do que isso. Para a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), podem consistir em palavras que saíram da boca de um falante que está com bons pensamentos, com boas ideias, de bem com a vida, manipulado ideologicamente acerca do que é moral, certo, esperado socialmente.

A palavra de Deus é um exemplo muito forte, pois, como ensina Estrada (1992, p. 93). Ele “cria com apenas uma palavra: ‘Faça-se a luz, e a luz foi feita’”; o discurso religioso está cheio de palavras que contemplam a duplicidade do bem e o mal.

É fato que existem pessoas que têm o dom de acalmar ou de agitar as outras, deixá-las confusas, furiosas ou com sono; e isso comprova o que se tem defendido aqui: o fato de que todos os falantes jamais podem dizer que falaram sem terem pensado antes, pois o que sai da boca é sempre algo que está no pensamento ou que, em algum momento, já foi sentido.

A fala ou a escrita são posteriores ao pensamento, e o fato de alguém ter o dom para acalmar ou enervar os que estão a sua volta não está somente centrado na intencionalidade ou nas teorias de texto que conhecemos, mas também depende da maneira como este falante vê a vida e as relações humanas que o rodeiam, bem como convive com a intensidade comunicada em suas emoções. Tal intensidade é fator determinante para o que se pretende estudar com o nome do que conhecemos como criatividade.

Resta saber no que consiste de fato este fenômeno que enaltece palavras, aprimora a música e enche os corações dos sentimentos mais diversos, fazendo as pessoas sorrirem, chorarem, amarem ou até mesmo odiarem.

### **A música como manifestação da criatividade**

Um exemplo da criatividade está nas letras de músicas. Entenda-se música, aqui, como as músicas brasileiras de qualidade, as quais denotam inúmeros sentimentos humanos, e que, muitas vezes, quando cantadas por diferentes intérpretes, podem até soar como outra música, ou não as identificamos como tal, uma vez que perdem um pouco da personalidade impressa pelo intérprete inicial.

Músicas cantadas pela Elis Regina, ou Maria Bethânia, Alcione ou Jamelão são músicas que outros intérpretes têm de pensar muito antes de regravar, tamanha é a personalidade que adquirem quando um dos músicos citados empresta ou emprestou sua voz.

Muitos são os artistas brasileiros que apresentam sua maneira especial para compor e cantar músicas. Um ilustre deste escalão foi João Rubinato. Talvez nem todos o conheçam ou saibam como imprimiu beleza à música brasileira por meio das criativas escolhas lexicais próximas ao cotidiano simples e verossímil, muito comum da vida paulistana.

Ao pensar em João Rubinato, temos a clareza de que a palavra reflete o pensamento. Este homem era filho de imigrantes italianos pobres, nasceu na cidade de Valinhos, estado de São Paulo, no ano de 1910, largou a escola para ajudar na renda familiar fazendo trabalhos informais, uma vez que era semialfabetizado, o que dificultou sua entrada no mercado de trabalho na capital paulista, cidade para a qual se mudou no ano de 1932, o que, de forma alguma, diminuiu seu destaque.

João Rubinato é nada menos do que Adoniran Barbosa, nome escolhido pelo músico devido ao fato de ele acreditar que

seu nome de batismo não era abrigado o suficiente para abarcar a essência que o nome de um cantor de samba deveria ter.

Estudiosos da personagem paulistana explicam que de um amigo pegou emprestado o nome Adoniran e, em homenagem ao sambista Luiz Barbosa, adotou o sobrenome.

O fato de perceber que seu nome não era muito indicado para o que pretendia, já demonstra um espírito de comunicação invejável e, ao contrário do que muitos defendem, o fato de ser semialfabetizado não foi um entrave para este compositor, que, de uma maneira criativa, já percebera sua condição e estava certo de que iria modificá-la.

Virgolim e Alencar (1994, p.35) dizem que “o incentivo para a criança pequena descobrir o mundo, recebe mais apoio em famílias que estimulam as potencialidades da criança”, o que pode ter acontecido com o compositor em questão, bem como defendem as autoras (id, p.36) ao dizer que são “um alto grau de desenvolvimento do sujeito com a área de interesse desde uma idade precoce”, o que desenvolverá de forma mais efetiva a criatividade.

No entanto, um ponto mostrado (id, p.37) é o fato de que, em uma entrevista com o cientista Otto Warburg, este disse que sua carreira fora influenciada pelo “contato com gênios desde a mais tenra idade”. Como, então, se pode-se explicar a explosão criativa de Adoniran Barbosa, se era semianalfabeto, e, conseqüentemente, poderia ser considerado como uma pessoa sem criatividade?

O fato é que a criatividade, ao que se entende, não consiste em manifestações específicas e enquadradas, mas em manifestações que quebram paradigmas e se apresentam de maneira completamente diversa do que se é esperado. Alguém criativo é alguém que vê o mesmo mundo de todas as outras pessoas, mas consegue traduzi-lo, em meio às manifestações diferenciadas, cheias de significações, ressignificações ou implícitos.

Para que tal estudo seja continuado, é preciso lembrar que foi em meados de 1933 que o músico Adoniran Barbosa teve suas

primeiras explosões criativas e, desta forma, nasceu verdadeiramente para a música popular brasileira, mantendo-se como ícone de uma geração até os dias de hoje.

A vida de Adoniran, assim como toda sua obra, foi sinônimo de bom humor e criatividade e refletiu toda a sua vivência, observação e personalidade em cada uma de suas letras, pois “toda a obra-prima é uma grande metáfora: é obra de criatividade e de expressão codificada” (ESTRADA, 1992, p.97).

Para tanto, aqui serão tratadas apenas duas músicas muito inteligentes da obra, o que não quer dizer, de forma alguma, que outras composições do músico não sejam relevantes. O critério de escolha aqui foi o conhecimento das letras por um maior número de pessoas, o contraste lexical de ambas, bem como o período em que foram criadas.

### ***A corpora de análise***

As duas músicas a serem tratadas aqui, conforme mencionado anteriormente, podem ser consideradas partes distintas da vida de Adoniran; “As Mariposa”, composta em 1955, que reflete a essência de um ambiente noturno, apelando pelos encantos e alegrias da noite; e “Tiro ao Álvaro”, dele e de Osvaldo Moles, criada em 1960, que reflete os anseios de um homem normal em um ambiente diurno, na dureza do dia a dia.

Para que inicie a análise das composições, é preciso que as letras das referidas canções sejam lembradas, bem como sejam tratados mais alguns aspectos da personalidade de João Rubinato, que foi criativo para manter-se vivo, a começar com a mudança na data de sua certidão de nascimento, o que o possibilitou trabalhar com os doze anos de idade, obrigatórios na época, os quais ainda não tinha.

Em Jundiáí, começou a trabalhar nos vagões de carga da estrada de ferro, para ajudar a família, uma vez que sua mãe quase não conseguia fazê-lo ir para a escola.

Dentre tantas profissões, foi entregador de marmitas, varredor e mascate, tecelão, pintor, encanador, serralheiro e garçom, estas últimas ocupações ocorreram no ano de 1924, quando morou em Santo André.

No Liceu de Artes e Ofícios, finalmente aprendeu a profissão de ajustador mecânico, a qual é deixada de lado porque, aos 22 anos, vai para São Paulo, morar em uma pensão e tentar ganhar a vida.

O rapaz João Rubinato já compunha algumas músicas e participara de alguns programas de calouros como o de Jorge Amaral, na Rádio Cruzeiro do Sul, e após muitos gongos, conseguiu passar com o samba Filosofia, de Noel Rosa.

Em 1933 é contratado para cantar em um programa semanal de 15 minutos, com acompanhamento de regional, e a partir deste ano é que começa a utilizar o nome artístico de Adoniran Barbosa.

A partir dessa data, Adoniran começa a escrever marchinhas de carnaval, casa-se com Olga e escreve trilhas sonoras para filmes brasileiros.

Na época em que escreve as músicas aqui trabalhadas, de 1955 a 1960, segundo o site [sampa.art.br](http://sampa.art.br), estreou o personagem Charutinho, seu maior sucesso no rádio, no programa História das Malocas de Oswaldo Molles. Participou também, como ator, das primeiras telenovelas da TV Tupi, como “A pensão de D. Isaura”. O reconhecimento, porém, vem somente em 1973, quando grava seu primeiro disco e passa a ser respeitado como grande compositor. Vive com simplicidade e alegria. Nunca perde o bom humor e seu amor por São Paulo, em especial pelo bairro do Bixiga (Bela Vista), que ele, sem dúvida, consegue retratar e cantar em muitas músicas suas. Por isso, Adoniran é considerado o compositor daqueles que nunca tiveram voz na grande metrópole.



## Músicas para Análise

### As Mariposa

As mariposa quando chega o frio  
Fica dando vorta em vorta da  
lâmpida pra si isquentá  
Elas roda, roda, roda e dispois se  
senta  
Em cima do prato da lâmpida pra  
descansá

Eu sou a lâmpida  
E as muié é as mariposa  
Que fica dando vorta em vorta de  
mim  
Todas noite só pra me beijá

As mariposa quando chega o frio  
Fica dando vorta em vorta da  
lâmpida pra si isquentá  
Elas roda, roda, roda e dispois se  
senta  
Em cima do prato da lâmpida pra  
descansá  
Tá muito bom...  
Mas num vai si acostumā, viu  
Dona mariposinha?

### Tiro ao Álvaro

De tanto levar frechada do teu  
olhar  
Meu peito até parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Táubua de tiro ao Álvaro  
Não tem mais onde furar  
Teu olhar mata mais do que bala  
de carabina  
Que veneno e estriquinina  
que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais que  
atropelamento de automóver  
Mata mais que bala de revólver

*As Mariposa, de Adoniran Barbosa, 1955.*

*Tiro ao Álvaro, de Adoniran Barbosa, 1960.*

Desta forma, após conhecer as duas composições em questão e elementos da vida de Adoniran Barbosa, é possível que a análise linguística da composição seja mais proveitosa.

### Análise das músicas mediante a perspectiva da criatividade

De uma maneira bem humorada, o autor, muito inteligentemente, em uma possível leitura, compara as mariposas às mulheres, pois tanto uma como a outra, quando querem algo da vida, dão “voltas e voltas” até que se acalmem e então se acalmem.

Tal comparação está intimamente ligada às observações de Adoniran, que sempre falou, em suas letras, de elementos cotidianos, e é de senso comum comum que mulheres são inseguras, pouco objetivas e demoram a escolher algo, ou, como diz o autor, “um lugar pra descansá ou si isquentá”.

De um jeito muito bem humorado, o poeta explica que ele é a lâmpada e as mulheres estão a sua volta, querendo sua companhia calorosa e seus beijos, e que isso acontece todas as noites. No entanto, o autor avisa a Dona mariposinha que ela não deve se acostumar, ou seja, revela-nos um pensamento bem comum aos homens do Brasil, o fato de ficarem felizes na possibilidade de ter todas as mulheres e não estarem realmente com nenhuma das mulheres que estão na noite. Quem já não ouviu a expressão “esta é para casar?”.

O fato de Adoniran usar palavras como mariposa, noite, dando volta e a expressão “só pra me beijar” remete-nos ao contexto alegre dos ambientes noturnos do início do século, nos quais homens se encontravam para conversar e beber com seus amigos, dispunham de inúmeras possibilidades e diversidade de companhia feminina.

Muito diferente seria se o músico, ao invés de mariposa, utilizasse a palavra borboleta; ao invés de noite, usasse dia; moça, ao invés de muié, e sol, no lugar de lâmpada. Tais trocas léxicas ficam muito claras com relação aos sentidos do texto, e, tais escolhas, ainda que remetam ao mundo noturno, são realizadas com sutileza, bom humor, e para quem conhece o repertório do músico, mesmo que este não tivesse assinado a letra, não deixaria dúvida alguma sobre a autoria.

O final da música, em “Tá muito bom... Mas num vai si acostumā, viu Dona mariposinha?”, revela um momento de partida, pois o homem “lâmpada” vai embora, o dia vai clarear e ele voltará para o que é considerado normal: trabalhos, obrigações, dentre outras coisas. Ao usar a palavra “Dona” em maiúsculo, seguida de um diminutivo, primeiramente representa um estereótipo de um nome de mulher e consiste em uma tentativa de o autor

atenuar tal despedida, pois qualquer homem cavalheiro, por mais que se relacione com a mulher diurna ou noturna, a tratará bem. É exatamente isso que o escorregadio Adoniran revela no final do texto: tratar bem todas as mulheres.

Ao analisar outra letra do mesmo autor, há a clara percepção de que essa passagem não se aplica à mesma “Dona mariposinha” ou à classe das mulheres-mariposas, tratadas na música anterior, pois em “Tiro ao Álvaro”, que é quase uma composição romântica, a mulher retratada parece ser intocável, não fica com rodeios ou sorrisos com o interlocutor. É séria e seu objetivo é atingir um homem, que provavelmente se chamava Álvaro.

É muito criativo ligar o objetivo da mulher de família, que quer casar, ao nome do futuro marido. Tais escolhas remetem ao fato de as mulheres escolherem seus pares como no reino animal em geral, e, desta forma, mostra a sociedade não mais machista, mas feminista, ao passo que a mulher é quem maltrata o homem e é este quem tem de fazer por merecer. Obviamente que tal postura não se aplica aos dias de hoje, e justamente por isso composições como as deste poeta e de outros da MPB são desconhecidas pelos mais jovens.

O autor brinca com o léxico, utilizando a expressão com menos prestígio linguístico “álvaro”, para alvo, que na verdade também pode ser um nome próprio usado com intuito semântico de alvo (pontaria), ou seja, o alvo de uma mulher é “um Álvaro”, um protótipo de homem da década de 60.

As palavras “frechada, bala de carabina, veneno e estriquinina, peixeira, atropelamento, bala de revólver” são indicativos negativos, os quais demonstram o sentimento de dor de quem é rejeitado, ou de quem espera por uma confirmação, o que, de todas as formas, ocorre de forma muito diferente das “mariposa em vorta da lâmpida”. Nesta, o homem é o destaque, e o ambiente é a noite; naquela, a mulher é dona do homem, e o ambiente é diurno.

A mulher do “Tiro ao Álvaro” é a mulher para casar, pura, séria e de um caráter irrepreensível, enquanto a mulher de “As mariposa” é noturna, festiva e apenas para diversão.

As palavras, como já dito, têm corpo e alma, esta herdada do pensamento, das experiências e da forma como cada falante vê a vida; aquela, advinda do recorte social, determinado pela cultura e contratos sociais de um povo.

Ao examinar o léxico diurno, fica perceptível que este é mais duro, causa dor, pois tudo o que é vida real, no campo do imaginário social, apresenta-se de uma forma menos lúdica e onírica e contribui para o sofrimento.

O dia é elemento de obrigações, de lidar com o trabalho, com filhos, com casamento e com tudo o que é convencionado como ideológico e aceitável como correto mediante a sociedade.

Examinemos o quadro, pensando nos sentidos apresentados nas duas músicas de Adoniran Barbosa:

QUESITO	As Mariposa	Tiro ao Álvaro
<b>Imaginário Social</b>	Noturno	Diurno
A representação da Mulher	Mariposas (2 <sup>a</sup> . p. pl.)	(2 <sup>a</sup> . p. sing.)
A representação do Homem	Lâmpida = atrativo	Álvaro = sofrimento
Intenções Femininas	Agradar	Massacrar
Intenções Masculinas	Felicidade	Não aceitação
Elemento de Conquista	Beijos	Tiros
Predominância de Sentimento	Felicidade Momentânea	Amor/ Sofrimento para toda a vida

Torrance (1976) explica que o desenvolvimento humano segue um padrão muito diferente na maioria dos aspectos do

crescimento humano. Ele preconiza que as crianças aprendem durante toda a vida escolar e, em geral, explica que estas, embora tenham quedas durante anos específicos na questão da criatividade, apresentam-se sempre criativas, mas o que mais nos chama atenção, principalmente com relação ao compositor paulista, é a afirmação do mesmo autor, a saber: “como acontece com outras características de nível etário, nunca é correto fazer uma declaração genérica sobre a criatividade de todas as crianças em um grupo de idade” (id, p. 103), ou seja, Adoniran não pode ser estudado de forma genérica, pois rompe com todos os padrões dos autores que estudam a criatividade.

### **Considerações finais**

Fica claro aqui que, ao aprender durante toda a vida escolar, é possível que se continue a aprender ao longo da vida, e, mediante os estímulos diversos, pode-se ser mais ou menos criativo.

Acredita-se aqui, pelo estudo feito acerca da vida e obra de Adoniran Barbosa, que ele se enquadra nesse perfil, pois usou sua criatividade musical para ganhar a vida.

No caso citado, fica claro que o autor não dependeu do estímulo dos pais, de uma boa educação, ou de pessoas que facilitassem sua explosão de ideias ou coisas do tipo; dependeu de sua vontade e de seu sonho em fazer o que gostava de fazer.

Como todo criativo talvez, tenha tido momentos maiores de criatividade, quando escrevia uma música ou quando ficava a observar aspectos da vida na grande cidade; mas será que ele foi criativo em outros aspectos de sua vida?

Será que a criatividade é um elemento que abarca a pessoa como um todo? O que é ser criativo? Será que uma pessoa é criativa para esta ou aquela coisa? Nesta reflexão, o que mais chama a atenção é primeiro definir em amplo estado o que é criatividade, e não simplesmente taxá-la para este ou aquele aspecto.

De maneira alguma, a intenção destes escritos está centrada apenas no conhecimento teórico acerca dos estudos de criatividade, tais reflexões se fundamentam como uma possibilidade de leitura e interpretação, com base em muitas leituras acerca do estudo da palavra, e se constituem como uma dentre tantas possibilidades.

O mais importante, desta forma, não é refletir sobre esta ou aquela teoria, mas traduzir em palavras muitos dos pensamentos que povoam as mentes de quem escuta uma boa música, ressaltando que o talento é sempre o mais importante, mas que por trás dele existe um ser que ama, odeia, sofre, sente-se feliz e, principalmente, pensa e, com maestria, consegue traduzir seu pensamento em palavra.

### **Bibliografia**

BROWN, Gillian & YULE, George. *Análisis del discurso*. Trad: Silvia Iglesias. Recuero. Visor Libros, 1993.

COSTA VAL, Maria da. *Redação e textualidade*. 2.ed. São Paulo: Marins Fontes, 1999.

ESTRADA, Mauro Rodríguez. *Manual de criatividade: os processos psíquicos e o desenvolvimento*. São Paulo: IBRASA, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad.: Izaabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 9.ed. 7ª impressão. São Paulo: Ática, Série Princípios, 2002.

\_\_\_\_\_. & Koch, Ingedore. *Linguística Textual: introdução*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Luis Antonio. *Oralidade e escrita: um diálogo pelo tempo*. São Paulo: Efusão, 2004.

\_\_\_\_\_. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. Coleção Linguagem e Ensino. (Org) Vanda Maria Elias. São Paulo: Contexto, 2010.

- FIORIN, José Luís. *Linguagem e ideologia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- OSTROWER, Faya. *Criatividade e processos de criação*. 10.ed., Petrópolis: Vozes, 1994.
- TORRANCE, Paul E. *Criatividade: medidas, testes e avaliações*. São Paulo: IBRASA, 1976.
- VIRGOLIM, Ângela M. R.; ALENCAR, Eunice M.L. Soriano de. (ORG). *Criatividade: expressão e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WECHSLER, Solange Múglia. *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: Psy, 1993.
- As mariposa. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/43964/>>. Acesso em 08/04/2012.
- Tiro ao Álvaro. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/elis-regina/101410/>>. Acesso em 08/04/2012.
- Disponível em <<http://www.sampa.art.br/biografias/adoniranbarbosa/>>. Acesso em 10/05/2012.